



## Hipertextualidade em materiais didáticos impressos para os cursos técnicos EAD do SENAC-RS: criando conexões através de elementos do design editorial

**Tuani Lopes da Costa**

(SENAC-RS)

**Nelson Luis Eufrazio Junior**

(UNISINOS)

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar pesquisa realizada sobre a hipertextualidade, mostrando como a ideia de conexões, presente na internet, pode ser aplicada em materiais didáticos impressos. Para este fim, foram utilizados elementos projetuais do design editorial, baseados nas referências sobre Grids e Tipografia, de Timothy Samara (2007) e Fatima Ali (2009), bem como nas ideias de Bruno Munari (2008) sobre projetos e solução de problemas, afim de melhorar a interação entre o aluno e o material didático e valorizar a utilização da mídia impressa na educação à distância, já que a mesma tem como principal ferramenta os recursos oriundos dos Ambientes Virtuais de aprendizagem (AVA) e da internet em geral. Foram utilizados como modelo de estudo e aplicação, os materiais didáticos impressos do componente curricular Gestão de Pessoas, do curso técnico EAD em Recursos Humanos, do SENAC-RS.

Palavras-chave: Hipertextualidade, Materiais Didáticos, Design Editorial.

### Abstract

This study aims to present a research done on hypertextuality, showing how the idea of connections, present on the Internet, can be applied to printed teaching materials. To this end, we used projective elements of editorial design, based on references on Grids and Typography, Timothy Samara (2007) and Fatima Ali (2009), as well as in Bruno Munari ideas (2008) on projects and problem solving, in order to improve interaction between the student and the teaching materials and enhance the use of the print media in distance education, as the same has as its main tool funds derived from Virtual Learning Environments (VLE) and the internet in general. They were used as a model and application, printed educational materials curricular component of Personnel Management, the EAD technical course in Human Resources, SENAC- RS.

Keywords: Hypertextuality, Courseware, Editorial Design.



## Introdução

Vivemos atualmente a era da informação rápida, instantânea e de fácil acesso. Isso só foi possível através da expansão da internet e das múltiplas possibilidades que ela proporciona a seus usuários. Dentro da rede mundial de computadores, qualquer pessoa pode acessar o conteúdo disponibilizado por outro usuário da rede, assim como também publicar o seu próprio conteúdo. Todo esse caminho de busca, descoberta e participação direta na construção da informação e do conhecimento é possível através de conexões criadas pelo usuário, a chamada hipertextualidade.

De acordo com Soares (2002) apud Ramal (2002):

Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próximas do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura.

A hipertextualidade permite que o usuário da internet navegue através de vários caminhos para a construção do conhecimento de determinada informação, fazendo um percurso não linear. Essa possibilidade de aprendizagem coloca a internet como uma grande aliada da educação a distância, pois permite uma grande interatividade e autonomia por parte do aluno em relação ao conteúdo proposto.

Neste sentido, os materiais didáticos impressos ainda ocupam um espaço bastante significativo na vida dos alunos que fazem uso da educação a distância (EAD), seja pela cultura existente oriunda do livro impresso, pela facilidade de transporte, pela necessidade de estabelecer um contato real entre usuário e objeto ou pelo simples fato de fornecer uma sensação mais confortável durante a leitura, em virtude do suporte de papel. A preferência pelo material impresso pode ser comprovada



através da observação de Silva (2014,) apud Litto (2010), que afirma que “84% das instituições brasileiras que oferecem aprendizagem à distância utilizam a mídia impressa”.

Refletindo sobre o uso do material didático impresso na EAD e de como a hipertextualidade é capaz de gerar um aprendizado mais independente por parte do aluno através das conexões que são possíveis realizar, este projeto procurou mostrar uma análise destas conexões, trazendo-as para a realidade do suporte de papel através de elementos do design editorial, tais como estrutura de página (*grid*) e tipografia.

Munari (2008, p.19) cita os problemas que encontramos em materiais impressos e que, através de um projeto gráfico adequado, podemos criar um produto mais focado em seu usuário:

Os problemas de paginação variam de acordo com o tipo de publicação. Uma revista científica não pode ser paginada como um semanário de fofocas. Portanto, será estudada a forma de se paginar um boletim de empresa, uma revista de modas, um periódico financeiro, um semanário de atualidades, um jornal.

O projeto de um material didático impresso para a EAD é um desafio que se propõem a apresentar elementos do design editorial que possam tornar a experiência de leitura em suporte de papel interativa, semelhante à realizada em ambiente virtual, objetivando uma melhor aprendizagem na modalidade de educação a distância, onde ambos os suportes se complementam e apoiam.

A hipertextualidade tornou possível que o aluno, ao acessar uma determinada página na internet, possa construir um caminho de conhecimento não linear e não previsível, através do acesso a outras informações por meio dos *hiperlinks*. Ao clicar em *hiperlinks* e ser redirecionado a outras páginas, o aluno estabelece conexões entre



os assuntos, realizando associações que podem ser infinitas e levarem a outras informações que não estavam previamente planejadas. Mas o que são as conexões criadas pela hipertextualidade?

Os materiais didáticos impressos ainda passam uma sensação de credibilidade, pois necessitam de uma vasta análise e envolvimento de pessoas para que seja possível a sua produção. Além disso, devido a nossa cultura literária, muitas pessoas ainda preferem a leitura em suporte de papel, mantendo vivo o hábito de rabiscar, carregar e sentir o material a qual se está tendo acesso. A indústria gráfica mundial tem feito um grande esforço para trazer novidades em matéria de acabamentos e tecnologias de impressão que possam agregar ainda mais valor aos materiais impressos.

## 1. Hipertextualidade

A primeira ideia a respeito do hipertexto surgiu em 1945, através de Vannevar Bush (LEVY, 1993), em seu mais famoso artigo chamado *“As We May Think”*. Ele era matemático e físico e foi responsável pelo projeto do Memex, um imenso arquivo multimídia de documentos. Contudo, foi no início dos anos sessenta que Theodore Nelson inventou o termo hipertexto, caracterizando uma ideia de escrita e leitura não linear em um sistema de informática (LEVY, 1993).

Embora, o uso do hipertexto seja direcionado, na maioria das vezes, para uso digital, é falho associar sua presença só em ambientes informatizados. O hipertexto não depende da informática para existir. Sua origem e conceito possuem fundamentação nas associações que podem ser feitas, nas ideias, na informação construída, tendo como referência as palavras *“nó”* e *“conexões”*. Podemos definir hipertexto, segundo as palavras de Levy:



Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertexto. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LEVY, Pierre, 1993, p. 20).

Imaginar uma grande rede, com ramificações, ou uma árvore onde seus galhos se estendem infinitamente, também com ramificações, pode ser uma boa forma de materializar o conceito de hipertexto, embora ainda limitada. O hipertexto caracteriza-se por sua não linearidade, podendo ser infinito, interativo, flexível, fragmentado, ilimitado, o que acaba não permitindo que seja restrito ao campo da informática. O hipertexto pode se materializar em muitas plataformas. Ele vai além das palavras e imagens, centrando-se entre o verbal e o não-verbal.

Segundo Prado Soares (2014, p. 5), “de acordo com alguns pesquisadores, há três gerações da hipertextualidade.” A primeira estaria vinculada ao meio impresso (rodapés, remissões e índices que faziam a ligação entre os textos). Na segunda geração, com o advento das tecnologias informáticas, o *link* adquire velocidade, mas o poder de leitura ainda era delimitado pelo programador. Somente na terceira geração é que há abertura dos *hiperlinks* à participação do leitor, sendo o maior exemplo a *Wikipedia*.

Entre os objetos da cultura escrita impressa, não é só o livro que permite tal manipulação. Os jornais organizam-se em cadernos e cada caderno possui várias notícias sobre determinado tema. Ao



leitor é dado o direito de ler somente aquele texto que lhe interesse. O lide traz as informações principais logo no primeiro parágrafo de uma notícia ou reportagem, favorecendo uma leitura de “rastreamento” (na qual o leitor apenas lê pequenos trechos das notícias até encontrar alguma que capte sua atenção), enquanto as partes seguintes são organizadas em seções topicalizadas para permitir uma seleção. (Dias, 2012, p. 73)

Dessa forma, fica claro que o termo interatividade, comumente associado ao hipertexto digital, pouco tem a ver com o uso de dispositivo eletrônico. A interatividade está associada a como o sujeito interage com a mensagem recebida, estando ela em suporte digital ou impresso.

Dias (2012, p. 71) apud Coscarelli (1999, p. 17) afirma que os hipertextos “são sistemas que gerenciam informações armazenadas em uma rede hierárquica de nós, conectados através de ligações”. Na mesma obra, Dias (2012, p.71) também cita Xavier (2002, p.26) que afirma que hipertextos “seriam apenas os dispositivos textuais digitais multimodais e semiolinguísticos (dotados de elementos verbais, imagéticos e sonoros) que estejam *on-line*, isto é, os que estejam indexados à Internet, articulados e interligados entre si, que possuam um domínio URL ou endereço eletrônico, na *World Wide Web*”. Essas afirmações nos levam a entender que o hipertexto seria um conjunto de informações, imagens e sons interligados entre si, presentes na internet através de um endereço eletrônico, ou URL. Esta interligação é possível através da existência dos *hyperlinks*.

Os *hyperlinks* nos permitem navegar dentro das páginas na internet, abrindo novas páginas e informações através de um clique. São uma espécie de porta para outras informações. Qualquer pessoa já teve a experiência de entrar em um site e, ao ir clicando em notícias (geralmente, uma frase na página destacada por negrito ou uma



cor diferente) ir parar em páginas totalmente diferentes da que buscamos no início, muitas delas inclusive com outro foco. Essa navegação típica proporcionada pelo hiperlink nos permite reforçar o conceito de navegação não linear, estabelecida através das conexões, onde partimos de uma informação, mas sem saber ou estabelecer um ponto de chegada, um fim.

Dialogar sobre o hipertexto no meio impresso, dentro deste momento da sociedade, onde vivemos a era digital praticamente em tempo integral, não é uma tarefa fácil. O hipertexto, facilmente produzido por meio da escrita digital, apresenta alguns problemas presentes na rede onde está inserido: a internet é acessível a todos. Embora pareça contraditório afirmar que isso seja um problema, a acessibilidade universal da internet nos gera dúvidas quanto a veracidade das informações nela contida. Da mesma forma que milhões de pessoas podem se conectar com facilidade a rede, a mesma não possui um sistema de filtro eficiente, capaz de proteger seus usuários das informações erradas e com objetivo maldoso. Ou seja, qualquer pessoa pode modificar a seu critério, informações e dados sem citar fontes e quantas vezes desejar.

Não é de hoje que as mídias impressas têm sua eficiência questionada devido a popularização da internet. A rapidez com que as informações circulam na rede impõem reflexões se as publicações impressas não se tornaram desatualizadas e descartáveis. Porém, os impressos ainda ocupam um lugar significativo e respeitado dentro da sociedade.

A abundância de informações sobre o presente não lhe permite refletir sobre o passado, [...] é uma perda, não um ganho. A abundância de informação irrelevante, a dificuldade em selecioná-la e a perda de memória do passado – e não digo nem sequer da memória histórica. A memória é nossa identidade, nossa alma. Se



voce perde a memória hoje, já não existe alma; você é um animal.

(Prado Soares, 2014, p. 4 apud Eco, 2008)

A presença cada maior de imagem coloridas, textos curtos, infográficos, uma diagramação mais elaborada, nos permite visualizar nos impressos uma familiaridade ao conteúdo digital. As tecnologias gráficas, de impressão e acabamento, nos proporcionaram ter em mãos materiais únicos, com texturas, volumes, encadernações diferenciadas, formatos e até cheiro. Estabelecer um contraste entre a informação digital e a impressa é buscar nos cinco sentidos uma resposta para uma ou outra preferência.

A hipertextualidade em materiais impressos se valeu destas características inerentes às artes gráficas para existir. Nos dias atuais é vago afirmar que uma revista não pode ser hipertextual pelo simples fato do leitor não poder modificar suas informações. Ela se mostra hipertextual no momento em que o leitor interage com a informação, quando, por exemplo, ele acessa um vídeo na internet que foi recomendado em uma matéria sobre música, ou quando faz anotações ou grifa de uma cor diferente uma parte do texto. Todas essas intervenções caracterizam a também não linearidade do texto impresso, já que não podemos garantir quais as percepções do leitor e as ações que ele terá no momento da leitura.

Estabelecendo esta comparação entre a hipertextualidade do meio digital e do impresso, fica claro que em ambos os suportes é possível existir um hipertexto, e o que os diferencia são os resultados das ações do usuário/leitor quando acessa o hipertexto. Enquanto no meio digital ele fica condicionado a acessar *hiperlinks*, modificar ou não informações, no meio impresso as percepções visuais e a estrutura de diagramação do texto norteiam e indicam caminhos de leitura do texto.





## 2. A EAD e o material didático impresso no Brasil

Segundo o Censo EAD.BR 2013, realizado pela ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância), que utilizou em sua pesquisa 309 instituições em todo o Brasil, o EAD responde hoje por mais de 15 mil cursos, entre cursos credenciados, livres não corporativos e livres corporativos, correspondendo por, aproximadamente, 4 milhões de alunos. Apesar de alguns dados otimistas, a pesquisa aponta para problemas bastante significativos, como a evasão dos alunos, que vai de 10,5% a 16,9%, bem como problemas quanto à implantação e adaptação às novas tecnologias, o desafio das organizações em migrar do presencial para distância e a resistência de alunos e professores quanto a esta realidade.

No esforço de oferecer aos alunos e professores as melhores condições de ensino e aprendizagem, as instituições fazem uso de diversas tecnologias digitais (TD), oferecendo em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) os materiais didáticos dos cursos e realizando todo o processo de acompanhamento dos alunos, por meio de *chats*, fóruns e *e-mails*. Os materiais didáticos, em sua maioria, baseiam-se em conteúdo disponibilizado em HTML juntamente com o mesmo conteúdo em formato PDF, para possibilitar a impressão. Alguns vídeos gravados com os professores das disciplinas também ficam disponíveis no AVA.

Oferecer um curso a distância exige das instituições uma série de iniciativas, como capacitação adequada dos docentes responsáveis por escrever os conteúdos, formação inicial e continuada para os tutores responsáveis pela mediação do conteúdo junto aos alunos no AVA, uma equipe responsável pela área de tecnologia da informação (TI) para auxiliar na resolução de problemas relacionados ao AVA e orientar, quando necessário, os alunos com dificuldades dentro do sistema utilizado. Ainda, são necessários equipamentos mínimos para a gravação e edição das videoaulas e uma equipe responsável pelo desenvolvimento dos materiais didáticos, seja este em



formato on-line ou para impressão. Geralmente, esta equipe conta com o trabalho de *designers*, *webdesigners*, programadores, ilustradores, pedagogos e revisores.

Neste sentido, a EAD é uma modalidade de ensino que alcançou o seu patamar de importância dentro do cenário educacional brasileiro graças a evolução da internet no país. É fato que não temos à disposição um acesso à internet em plena capacidade de uso. Porém, o aumento de banda (velocidade da internet), preços mais acessíveis, expansão da área de cobertura, fizeram com que mais pessoas pudessem ter acesso a este serviço, oferecendo oportunidade de estudo às mesmas que, por algum motivo, não podiam frequentar uma instituição de ensino presencialmente. Todos estes fatores, aliados à rápida disseminação das informações dentro da rede mundial de computadores, fazem da internet hoje uma ferramenta essencial para o funcionamento da modalidade quando realizada *on-line*.

Mesmo com todas as potencialidades da internet, há ainda uma demanda bastante significativa para os materiais didáticos impressos. A maioria dos cursos à distância disponibiliza o conteúdo em versão digital, com materiais complementares como áudio e vídeo, e todo o conteúdo também em uma versão, geralmente no formato PDF, para a impressão, para que o aluno imprima e carregue consigo para onde quiser.

Além de fatores culturais, a importância dos materiais didáticos impressos em cursos a distância, em se tratando do Brasil, passa por um contexto ainda bastante vivo em nosso país: a falta de inclusão digital. Muitas pessoas, principalmente vivendo em regiões mais distantes dos grandes centros urbanos, não conseguem ter um acesso de qualidade à internet. Recursos como vídeos, fóruns de discussões, e-mails, chats, wikis, blogs etc, ficam prejudicados pela falta de uma infraestrutura de tecnologia adequada. Muitos desses alunos utilizam serviços disponibilizados em *lan houses*, pois não possuem condições financeiras para custear a compra de um computador e o valor de uma mensalidade para o acesso à internet. Disponibilizar o material das aulas



em versão própria para impressão dentro do Ambiente Virtual de Aprendizagem acaba sendo a forma mais eficiente de garantir o acesso dos alunos ao conteúdo didático do curso escolhido.

Para falarmos de material didático impresso, é importante considerar também o perfil do aluno que, mesmo com acesso fácil a tecnologia, ainda prefere o suporte de papel. Várias pesquisas pelo mundo indicam que as pessoas lêem mais lentamente em suporte digital, afirmando que, no papel, a leitura acontece mais rápida e com maior aprendizagem pelo leitor. A pesquisadora Karin James, da Universidade Indiana Bloomington, afirma em sua pesquisa que:

Um livro aberto apresenta a um leitor dois domínios claramente definidos: a página esquerda e a direita – e um total de oito cantos para orientação. É possível se concentrar em uma única página de um livro de papel sem perder o texto completo da consciência. Podemos até sentir a espessura das páginas lidas com uma mão e as páginas a serem lidas na outra. Virá-las é como deixar uma pegada após a outra em uma trilha: há ritmo e um registro visível do progresso. (Ferris Jabr apud Karin James, revista *Mente e Cérebro*, nº 256, 2014, p. 65)

Produzir material didático impresso é um desafio àquelas insituições que oferecem cursos à distância. Fugir do padrão de “texto corrido” em página e encontrar elementos que despertem o interesse do aluno são questões que devem ser levantadas na hora de se produzir os materiais para o EAD. Essas são relevantes já que o material impresso precisa ser tão interativo e dinâmico quanto o material on-line. Obviamente, há limitações na mídia que jamais permitirão que a mesma chegue ao nível de interação de uma plataforma eletrônica. Porém, estruturar o material didático impresso de forma que, sua diagramação e conteúdo, proporcionem uma experiência



de aprendizagem significativa ao aluno, é um objetivo a ser almejado por todos.

Martins Silva (2001, p. 322) afirma que:

A produção de materiais didáticos impressos envolve algumas etapas importantes, tais como adequação do material às demandas dos alunos leitores, ênfase no estilo dialógico da linguagem, uso de estratégias persuasivas para manter a interação com o leitor, organização de atividades diversificadas, além de vários outros pontos.

As etapas que permeiam a produção de materiais didáticos impressos variam de acordo com o objetivo que se almeja alcançar. Porém, questões como público-alvo, nível de escolaridade, acesso fácil ou limitado a internet, limitações de impressão, linguagem que será utilizada, deve ser considerada na organização do projeto do material. Na produção de material impresso para educação a distância, dois tipos de profissionais são indispensáveis na elaboração do projeto: o pedagogo e o designer.

Ao pedagogo cabe a função de fazer todo acompanhamento educacional da produção, fazendo análises didáticas, trocando ideias com o designer sobre a inclusão de objetos de aprendizagens dentro do material, enfim, garantir que as questões pedagógicas não se percam durante o desenvolvimento do material didático. A área de design que se preocupa com questões relevantes à produção de materiais editoriais, educacionais ou não, é o Design Editorial. Ao designer, cabe avaliar questões pertinentes ao público-alvo a que se destina o material didático, que recursos este aluno possui, sobre qual assunto trata o material didático impresso e, a partir destas informações, desenvolver um projeto gráfico adequado às necessidade e limitações do aluno e da instituição. Trabalhar em conjunto com a equipe pedagógica é sempre uma experiência enriquecedora para o designer, pois, mesmo o mais elaborado projeto de



material impresso, não deve perder a sua principal função, que é a de proporcionar uma experiência educacional enriquecedora ao leitor/aluno.

### **3. Estudo de caso: curso técnico EAD em Recursos Humanos SENAC RS**

Para o desenvolvimento de um projeto de design editorial, o designer precisar ter domínio de alguns assuntos inerentes ao nicho editorial, como estudo da cor, tipografia, estudo de *grids*, infografia e produção gráfica. Qualquer projeto editorial fará uso de algum ou todos estes conhecimentos.

A hipertextualidade, vivenciada pelo leitor do material impresso, é garantida a partir do momento que seu projeto gráfico oferece condições para que esta “navegação” aconteça. Assim como a experiência on-line, onde por um clique podemos ir por diferentes caminhos e interagir e modificar uma informação, numa página impressa precisamos oferecer ao leitor mecanismos para que essa ação hipertextual aconteça. Esses mecanismos são experimentados durante a criação do projeto, no qual diretamente está a figura do designer, que deve analisar esses mecanismos e escolher qual melhor se encaixa dentro do projeto.

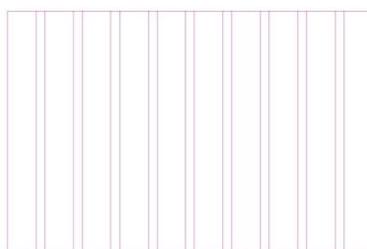
Para materiais didáticos impressos, a lógica não se modifica. Toda a estrutura presente dentro de um projeto gráfico de revista pode ser aplicada com um objetivo educacional, pois mesmo que os enfoques sejam diferentes, o produto não deixa de ser editorial. Dentro do projeto gráfico do material didático impresso, estabelecemos as conexões hipertextuais através de dois elementos estruturais básicos que vamos apresentar a seguir: o sistema de *grids* e o padrão tipográfico.



Os grids são um sistema estrutural formado por linhas verticais e horizontais, que formam uma espécie de grade dentro da página. Através dos grids é possível definir os espaços que as informações ocuparão na página, de maneira organizada e esteticamente agradável.

A leitura de um material impresso, seja ele educacional ou não, deve ser a mais dinâmica possível. O sistema de grids, dentro desta ideia, fornece ao leitor a sensação de organização e distribuição homogênea das informações. É possível ter a nítida sensação de que a leitura flui e é única, não necessitando de componentes externos para ser interativa, pois o leitor já interage ao descobrir as informações dentro da diagramação.

**Figura 1:** *Grid por colunas*



**Fonte:** Samara (2002, pg. 27)

Já o sistema tipográfico consiste no conjunto de fontes utilizadas no projeto gráfico do material impresso, que pode conter mais de uma família de fontes. Para a criação da identidade do projeto e leitura mais agradável, não é recomendado utilizar mais do que três famílias tipográficas dentro da mesma diagramação. Para aplicarmos os conceitos apresentados, utilizamos como modelo de análise e aplicação, o material didático impresso do curso técnico EAD de Recursos Humanos, do SENAC RS. Selecionamos duas páginas aleatórias, da quinta semana do componente curricular denominado Gestão de Pessoas. A análise leva em consideração o sistema de grids e a



tipografia utilizada no material, verificando se há ou não a possibilidade de inserirmos hipertextualidade no projeto.

Figura 2: Capa do material didático impresso Gestão de Pessoas



Figura 3: Capa do material didático de Gestão de Pessoas



Na análise feita sobre o atual projeto gráfico do material impresso do curso técnico EAD de Recursos Humanos é possível verificar um sistema de *grid* simples, com somente as demarcações das margens, o que possibilita somente um tipo de



diagramação, horizontal. Com este sistema de *grids*, temos poucos recursos de movimentação na página, tanto do texto como de imagens. O sistema de *grid* simples é muito utilizado em livros da literatura em geral, que requerem somente uma ordem de leitura.

A tipografia utilizada consiste na família Arial, um tipo sem *serifa*, e aplicado no tamanho de 11 pt. A fonte Arial, embora bastante popular entre os editores de texto, é uma fonte muito utilizada em materiais devido a sua fama de simplicidade, porém, não é uma fonte que oferece conforto durante a leitura. Passados alguns minutos de leitura de um material, é nítido um cansaço e tédio visual, devido a sua uniformidade. Para os títulos, também são utilizados a mesma fonte, porém em tamanho 16 pt, com intensidade *Bold*. Consideramos que seu uso para títulos está apropriado, pois é uma fonte legível e que se destaca bastante quando utilizada em uma maior intensidade que o Regular.

O material didático impresso em questão apresenta um sistema de leitura linear, similar ao de uma obra literária, o que não nos permite modificar a direção e o sentido da leitura em nenhum momento sem prejudicar o entendimento do conteúdo. Embora seja um tipo de diagramação simples, se o conteúdo não oferecer nenhum elemento mais interativo, for de uma linguagem técnica, o que é a maioria dos casos dos materiais didáticos, o leitor pode acabar entediado e não mais assimilando o conteúdo proposto. Para estes casos, utiliza-se imagens e ilustrações, como é o caso apresentado, porém as imagens também seguem o sistema de *grids*, sendo dispostas, na maioria das vezes, na mesma posição. Este é mais um elemento que pode tornar a leitura um pouco tediosa.

Baseado nos conceitos de hipertextualidade e nos elementos principais do design editorial que foram apresentados, foi elaborado uma proposta de diagramação que visa propor uma leitura mais fluída e não linear, através de um sistema de *grids* por colunas, e através do uso de duas famílias diferentes de fontes, uma para os textos





corridos e outra somente para títulos e textos mais curtos. A seguir a nova proposta de diagramação:

Figura 4: Capa do material didático de Gestão de Pessoas



A primeira modificação proposta é na orientação de página. O material didático anterior utiliza uma orientação de página vertical, como a maioria dos materiais didáticos. Na nova proposta, o material assume uma orientação horizontal, quebrando já no primeiro momento a sensação do aluno de uma leitura linear, tediosa. Essa simples mudança aproxima também o aluno de uma leitura mais próxima da leitura *on-line*, de sites. Em função do uso de monitores *widescreen*, temos a sensação de mais área de leitura do que com a utilização de monitores tradicionais, com uma tela mais quadrada. A mesma sensação se pretende atingir ao propor uma orientação horizontal nas páginas do material didático.

Figura 5: Proposta de diagramação





Para o miolo do material didático, foi proposto a utilização de um sistema de *grids* por colunas, visando quebrar a sensação de linearidade na leitura por parte do aluno/leitor. O sistema de *grids* por colunas permite que os blocos de textos sejam dispostos na página em diversos locais, dependendo do número de colunas utilizado. No modelo apresentado, o *grid* possui 10 colunas, separadas por um espaço, chamado de *gutter*, de 6 mm. Não somente os textos, mais o título, assim como informações adicionais, possibilitando sua disposição em um projeto gráfico similar ao de uma revista. Essa variação de diagramação, tanto na página dois quanto na três, nos permite já associar o material impresso à uma leitura hipertextual, onde a primeira página não dá indícios de como prosseguirá nas próximas.

A diagramação de todo conteúdo, com o sistema de *grids* e a escolha da tipografia já definida, permite que o designer consiga trabalhar o conteúdo da melhor maneira possível, não estando mais refém de uma diagramação linear e não interativa. Pode-se complementar o conteúdo com a utilização de imagens e infográficos, que oferecem destaque a alguma informação importante, e também podemos fazer uso de um sistema de ícones, que podem fazer referências a conteúdos fora do material didático, como vídeos, *sites* para consulta, bibliografias. Todos esses elementos favorecem a leitura, permitem que o aluno tenha interação com o material e ainda reforçam a ideia de que o material didático impresso é um complemento importante ao conteúdo on-line nos cursos de educação a distância.

## Considerações finais

Neste trabalho acredita-se no material didático impresso como um importante instrumento dentro dos cursos de educação a distância. Mesmo as instituições de ensino não dando a devida importância necessária a ele, temos referências para afirmar que ele faz diferença na vida dos alunos do EAD. Oferecer um material didático



impresso de qualidade passa por projetá-lo de maneira a proporcionar uma experiência de aprendizagem significativa ao aluno e complementar o conteúdo disponível dentro do ambiente virtual.

A hipertextualidade fornece elementos, dentro do ambiente digital, que permitem uma navegação mais interessante para o usuário da internet, estimulando conceitos como a pesquisa, leitura dinâmica, associações, busca por conhecimento, fatores que nos fazem refletir sobre o porquê que nos sentimos tão atraídos pelos recursos eletrônicos. Porém, atribuir todos estes conceitos somente aos meios digitais é um erro pois, como foi apresentado aqui, é possível aplicar conceitos de navegação hipertextual a materiais impressos.

O design, como atividade projetual, possui ferramentas para tornar o material didático impresso mais interessante e imersivo, pois seu foco não está somente em transmitir uma informação, mas também passar uma experiência, pois tem o usuário como foco principal. Envolver um designer na construção de materiais didáticos impressos se mostra de alta importância dentro do contexto de educação a distância, pois é necessário fornecer qualidade em todos os materiais didáticos que compõem os cursos EAD.

O trabalho em conjunto de pedagogos e designers também agrega valor ao material didático impresso, pois ambas as preocupações (educacionais, funcionais e estéticas) são importantes em contextos de aprendizagem a distância. Além de ser uma experiência rica para ambos os profissionais, não é possível alcançar uma experiência rica de aprendizagem para o aluno a distância se não formos capazes de entender como as mídias funcionam e como posso utilizá-las a favor da educação. Enquanto o pedagogo mostra quais objetivos educacionais se espera alcançar, cabe ao designer mostrar quais ferramentas se pode utilizar para alcançar estes objetivos.



## Referências Bibliográficas

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1993.

COSCARELLI, Carla Viana. DIAS, Marcelo Cafiero. **Hipertextos na teoria e na prática**. São Paulo: Autêntica Editora, 2012.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2008.

ALI, Fatima. **A arte de editar revistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

SAMARA, Timothy. **Grid: construção e desconstrução**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SOARES, Maria Salete Prado. **Produção coletiva de texto impresso e digital**. São Paulo: material do curso de Especialização em Tecnologias na Aprendizagem, SENAC, 2014.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Elaboração de materiais didáticos impressos para educação a distância**. Eutomia, n. 7, 2011. Disponível em: <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/1203/938>. Acesso em julho de 2015.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Artigo fornecido na disciplina de Produção coletiva de texto impresso e digital, SENAC São Paulo, 2015.

JABR, Ferris. **Por que seu cérebro prefere o papel**. *Mente e Cérebro*, São Paulo, n. 256, p. 62–69, 2014.

CENSO EAD.BR. **Relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil**. São Paulo: ABED, 2013.